

O ESPECTRO

SEMANARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa
 Direcção Municipal da Cultura
 Departamento de Acção Cultural
 Divisão da Rede de Bibliotecas
 Câmara Municipal de Lisboa

A reforma de instrução secundaria

MAIS SYNDICATOS!

Poucos jornaes teem levantado a voz para combater esse monstruoso parto de algumas cabeças absolutamente vazias de encephalo, e emtanto esta questão é seriíssima e de alta importancia, porque de mais a mais, por detraz da estúpida reforma, existe um plano de *syndicateirice*, que nós precisamos pôr bem a descoberto.

N'este desgraçado paiz, em que de tudo se faz politica, ou, em que de tudo se lança mão no intuito especulativo de alguns, e a beneficio de interesses particulares de outros, ha um ministro do reino que sanciona as pretensões esdruxulas e *commerciaes* de alguns professores, e de alguns aucthores de compendios, simplesmente porque esses individuos são seus correligionarios politicos, ou são seus amigos particulares.

O governo progressista, que subio ao poder por meio da especulação infame, não quer afastar-se da sua linha de conducta, deixando de consentir que os que lhe são affeiçãoados, especulem tambem com as mais transcendentales questões de interesse publico.

A reforma de instrução secundaria que se levou a cabo, com o mais escandaloso patronato e com a mais vergonhosa falta de senso commum e de criterio pedagogico, realisou-se apenas com o fim de proteger os interesses dos srs. Pedro Monteiro, Epiphanio Dias, Mascarenhas e outros.

E' claro que, mandando a reforma, que os alumnos de Lisboa só possam fazer os seus exames no lyceu d'esta cidade, resulta d'ahi que, amanhã estes examinadores, hão de perguntar os seus examinandos precisamente pela forma assignada nos seus compendios, e estabelecidas as reprovações aos alumnos que não responderem em harmonia com elles, estes não terão mais remedio senão aprender pelos mesmos compendios, embora estejam prenes de cretinismo!

Ora é preciso que ponhamos as coisas claramente no seguinte termo:

— Ou o ministro do reino não sabe do syndicato dos professores, que tem por fim obrigar os alumnos a estudarem pelos compendios de que elles são aucthores, e n'esse caso sancionando a reforma, dá mais uma prova evidentissima da sua já conhecida e proverbial ineptia nos mais rudimen-

tares assumptos de interesse publico, como é a instrução;

— ou conhece esse syndicato e os seus intuitos especulativos, e n'esse caso praticou um crime degradante, para castigar o qual não basta a energia da nossa palavra indignada.

D'aqui não ha fugir.

O que é certo, mais accetavel mesmo, é que o sr. José Luciano, conhecia e conhece perfeitamente o syndicato a que alludimos, e portanto que mais uma vez foi venal e anti-patriotico.

Por toda a parte se levantam unisonos clamores, não só de estudantes mas de professores, que não são aucthores de compendios, e que portanto não auferem lucros com a reforma, — e isto basta para provar á saciedade o quanto existe n'ella de inconveniente e de disparatado.

Lá porque um professor escreveu uma grammatica mais ou menos estapafurdia, ou um compendio de mathematica mais ou menos pantagruelico, não se segue que a troco de querer ganhar com a sua obra mais alguns centos de mil réis, se entregue nas suas mãos a reforma de instrução d'um paiz.

A prova do que dizemos está, em que ha um professor, author de compendios, que entrou na phantastica reforma, que, como um dos principaes agentes do *syndicato*, que é, chega a *editar* por sua conta as obras que hão de figurar nas aulas! Comprehendem-n'os?...

Pois continuaremos.

Mais uma bôcca...

Não sei se os senhores sabem, que o principesinho da Beira, — **o filho do filho e mais da nora do rei do nosso povo!** — já está desmamado?!

Ora esta noticia comquanto seja immensamente agradavel para os paes da creança, e absolutamente innocente para a quasi totalidade dos leitores, não o é para nós, já batidos e scepticos n'estas coisas do Paço.

Porque, por detraz d'ella, alguma coisa de grave existe, e que vem atacar as nossas magras algibeiras de trabalhadores da penna.

E ahi é que nos dóe!...

Emquanto esse loiro rebento da arvore brigantina... — **que Deus conserve, — não lhe queremos mal algum, — pelas cinco chagas de Christo!** — ... emquanto esse

loiro rebento da arvore brigantina chupava sómente os peitos macios e pujantes da ama de Aveiro, a coisa custava relativamente barata.

Agora porém, que a creança já come, — sem calembourg! — a coisa vae custar ao povo alguns contos de réis mais.

Porque é preciso que se saiba, que o governo, como mais um acto de publica e solemne penitencia dos seus actos passados, tenciona propôr **mais uma dotação**, a titulo de que o paiz precisa sustentar o cherubim da reinação portugueza!

E aqui está como já essa pequena e loira vergonhea vae fazer entrar o paiz em mais uma despezza grauida!

Nota: A' ultima hora diz se que o sr. Emygdio Navarro, offerece do seu cofre das obras do porto de Lisboa, — tão recheiadinho!... — grossa somma para auxilio do paiz. E desiste de mais estuques e pavimentos no **chalet** do Luzo.

Louvado seja!

Um pulha francez

Portugal, — este abençoado paiz á beira mar plantado de oliveiras e rosas de chá, — é o exgoto das escorrencias masculinas que lá por fóra são corridas a ponta pés homericos.

Vae d'ahi não ha malandro sem modo de vida que não venha parar com os ossos a este radioso bocado do Occidente, com muito bellas tenções de nos comer por tolos, trocando-nos por cima em convivio alegre de *cercles* intimos, nas ceias de feijoadas que a horas mortas se dão *litterariamentè* na tia Leonarda ou no João do Grão.

Ora ultimamente, e ao mesmo tempo que apparecia em Lisboa pelo seu casamento, a Princeza Amelia, dava entrada tambem na vida da capital um sr. Raphael Gondry, qualquer coisa de especulador, escorraçado do seu paiz.

Sem talento, sem dinbeiro, sem relações, podia é certo atirar-se a qualquer officio honesto, e ir ser escrevente de um tabellião de notas, ou para a abegoaria municipal, secção da limpeza da cidade.

Mas não!

O *melro* percebeu logo que este paiz era optimo para campo das suas especulações politicas e litterarias, e lançou-se por ahi fóra com uma audacia só excedida pela sua torpeza.

O seu primeiro negocio foi estabelecer jornaes n'um francez mascavado e n'um portuguez mais mascavado ainda, afim, dizia elle, de se mostrar mais um strenuo defensor do throno d'este paiz.

Já isto é repugnante, e dá esta boa terra aos nossos proprios olhos, e aos dos estrangeiros, como um paiz em que a realza recruta os seus defensores na escória do que lá por fóra é corrido.

Vomitando sandices, esvurmando larachas chulas, de escriptor de meia tigela, apregoou em grossos réclames as suas *folhas*, que enviava teimosamente a toda a gente, mesmo áquelles que lh'as devolviam.

Ultimamente, porém, a sua grosseria e a sua

pullice evidenciaram se da forma mais escandalosa, apregoando os seus amores por uma rameira de infima especie, no mesmo jornal, e na mesma occasião em que fazia elogios á Princeza Amelia, e publicava umas cartas de agradecimento, que do paço lhe foram dirigidas em resposta a outras que para lá atirára!!!

Isto revoltou toda a gente, pela porcaria!

E nós em nome da hygiene e do acieo, emquanto esse sujeito não fór relaxado á policia correccional, ou ao barril no lixo, pedimos á Camara Municipal que o faça expropriar por utilidade publica.

E' preciso que mostremos a esse sr. Raphael Gondry, que Portugal tem já especuladores de mais, e que os que são tão sujos como elle, costumam cá ser corridos a... pontapé!

Como o sr. José Luciano defenia os seus amigos d'hoje em 1863

Se n'este paiz ha homens que, pessoal ou politicamente sejam incompativeis, pelas affrontas e ultrages que mutualmente se tem dirigido, ninguem mais por certo do que o sr. José Luciano de Castro, e a gente da Vera-Cruz, ou do *Campeão*. O que esta malta escreveu, em libellos famosos contra o sr. ministro do reino, seria o sufficiente para s. ex.^a nunca mais lhe estender a mão. Mas, alguns homens tem descido tanto, que não se pejam de abraçar quem os crucificou. Fetidas podridões, que causam nauseas.

Para que os leitores não presumam que architectamos accusações sem fundamento, submettemos á sua analyse imparcial o que o sr. José Luciano disse em pleno parlamento, na sessão de 1863, ácerca dos *seus amigos* d'hoje. Pasmem e admirem:

Camara dos srs. deputados

Sessão de 26 de maio de 1863

«O sr. Luciano de Castro: — Sr. presidente, eu pedi a v. ex.^a e á camara que me dessem a palavra para lhes dar conhecimento d'um facto que me tem «impressionado tão profunda e angustiosamente, nunca nenhum outro da minha vida publica nem particular me havia ainda impresso.»

N'um jornal de Aveiro, o *Campeão das Provincias*, n.º 1:135, vem um artigo contra o governo, em que, depois de se fazerem as maiores accusações contra os srs. ministros, falla se desfavoravelmente no meu nome, dirigindo-me calumnias que o meu proprio caracter e pundonor repellem, e que são muito inferiores á minha dignidade.

Vou lê-las á camara.»

Lê o artigo e continua:

«Espancar um pae!... Espancar um pae!... Accusação tão torpe, miseravel e infame, que nem posso comprehender bem a significação d'estas palavras.»

Espancar seu proprio pae! Levantar mãos offensivas contra o auctor de seus dias! Que filho ousará commetter tão execrando attentado?! Appello para o sentimento e para o coração de todos os que me ouvem, amigos e adversarios, e que todos digam se ha alguem que possa ouvir pronunciar estas phrases sem que lhe «estremeça o coração, e se lhe «desvaire o espirito atribulado e perplexo diante de tão negra calumnia?!»

«Confesso a v. ex.^a que nunca na minha vida politica nem particular, senti tamanha indignação como foi quando li estes miseraveis alevies, estas infamantes injurias. Custa na verdade a um homem, «que se presa, a defender se de taes arguições!»

.....
 Havendo n'esta camara um deputado (refere se a Manuel Firmino d'Almeida Maia) que é proprietario do jornal que tenho na mão, admira-me que não tenha vindo aqui tomar a responsabilidade d'estas arguições, visto que hontem fiz dizer a s. ex.^a—que carecia da sua presença hoje n'esta camara para pedir lhe explicações a respeito das calumnias que me são assacadas. S. ex.^a não compareceu infelizmente.

Pois a sua presença era aqui necessaria, até mesmo para desaggravo seu, para que elle respondesse pelo seu jornal e pelas arguições que me eram dirigidas (*apoiados*). «O sr. deputado a quem me refiro não compareceu, e eu abstenho-me de qualificar esta inqualificavel cobardia: pois que estou persuadido que é cem vezes cobarde o homem que não tem coragem bastante para sustentar as suas opiniões; e fal-o quem não comprehende, nem tem a consciencia da sua honra, quem se recusa a dar explicações a um «homem de bem, cuja reputação foi insidiosa e «perfidamente ultrajada nas columnas do seu jornal, a um homem de bem, que mandaram apunhalhar pelas costas» (*apoiados*).

Vozes: — Muito bem.

O Orador: — Apello para o testemunho de muitos senhores deputados, que sabem que eu hontem fiz dizer áquelle deputado—que era hoje dia de ajustarmos as nossas contas, e de o provocar para que elle diante do meu paiz dissesse—*se eram verdadeiras as calumnias com que me pretenderam infamar*. Mas o sr. deputado contentou-se unicamente em dizer a alguns amigos meus—que desapprovava altamente o artigo publicado contra mim; a sua dignidade porém pedia que viesse aqui publicamente dizer ao homem de bem aggreddo injustamente—*que não approvava aquellas infamias*; o sr. deputado não o entendeu assim. «Este procedimento é cobardissimo, porque o é incontestavelmente o homem para quem a honra é um preço—conceito vão e a dignidade um simulacro inutil» (*apoiados*).

.....
 Procedem demasiadamente os que assim praticam, mas eu sei perfeitamente o que isto é; são as desgraçadas e deploraveis questões do districto de Aveiro, são as influencias que se sentem attenuadas são as idéas de predomínio politico e districtal que se vêem asso-

«berbadas» mas eu não tenho culpa d'isso; cumpro o meu dever, e hei-de cumpril-o sem nenhum receio.»

NO PAIZ DO SYNDICATO

N'esta benta terra dos lucros o **syndicato** é hoje um poder inatacavel; ninguém nutre a esperança de cantar victoria quando por ventura se empenhe em lucta com esse **Poder** por todos os poderes do Estado apoiado.

Elle é syndicato de Caminhos de ferro... elle é syndicato de Conversões de fundos... elle é syndicato das obrigações do Banco de Portugal... elle é syndicato de tudo e por tudo!!

Ainda esperamos ver o Matuto e o Perna inchada constituídos em syndicato para... a venda de cordões de metal amarello por bom ouro de lei!

Até o theatro de D. Maria tem o seu syndicato!... O Theatro de D. Maria que sem se saber como nem porque tem um subsidio do governo, já não pode passar sem syndicatinho, tal é a mania que lavra.

Como presentemente á ladroeira e torpe exploração se dá o nome de syndicato (filho dilecto do Governo) por isso não nos dirigimos a este pedindo providencias contra o que pratica a empreza do chamado nosso **Theatro normal**; achamos mais proprio appellar para a policia.

Constando nos o que n'aquelle theatro se pratica com a venda de bilhetes fomos no domingo pela manhã ao camaroteiro comprar uma frisa. Nada havia, nem frisas nem camarotes.

Os contratadores porem, tinham as mãos cheias de bilhetes e offereciam-nos por um preço exorbitante diante do camaroteiro, declarando que se pediam tão caro é porque já tinham comprado *na casa* com 500 réis de premio em cada camarote.

Dá-se isto com um theatro subsidiado pelo governo.

Não commentamos, apenas apresentamos o facto á policia que o não devia ignorar.

VARÕES ILLUSTRES...

I

Emygdio Navarro

Apenas um escandalo com pernas...

Da obra publica apanhou a pasta
 Que toda encheu das podridões modernas,
 Sem que até hoje alguem lhe diga: — basta!

Um comilão de marca! A' tripa fôrra,

Cóme tudo o que a elle se reúna,
 E exemplo dá n'este paiz de bôrra
 De como sem vintem se faz fortuna!

Tem um processo aberto por ladrão,
Vão lá vel-o, se querem, ao escrivão...
Este bruxo de escura nigromancia!

De roubar o paiz tem feito abuso,
E haja vista o seu chalet do Luzo,
—Padrão de immorredoira traficancia!

II

Barros Gomes

Catholico Apostolico Romano,
O mais que pode ser fradesco e tôlo
No Ministerio, ao pé do Marianno;
Só missas tem lá dentro do miôlo...

Uma inepcia. Ministro de entremez,
Figura d'urso faz em coisas sérias,
Como fez afinal mais uma vez
Na *questão de Lavache* e varias lérias

Como christão, do Papa é afilhado,
E comida que possa ter peccado
Jamais o intestino lhe alimenta;

Não bebe agua de Bellas ou Sabuga
E nem do alviella gôta enxuga,
—Mas soffre indigestões... só d'agua bental!

III

Pinto Coelho

Do *Senhor Rei Miguel* é caceteiro
E frade —bôrra de bojudia venta,
E' da lei de funil, do marmelleiro,
Mais d'uma empreza de agua fedorenta!

Velho rábula, em logica é pimpão,
As leis vê sempre como lhe faz conta,
E pensa que fazer vil extorsão
A uma cidade inteira, tanto monta!...

Um miguelista que tem feito azias
Aos milhões, e outras tantas despepsias,
N'esta terra de tantas maravilhas!

Porque tem feito da agua monopolio
Havemos de leval-o ao Capitolio
Entre mansos jumentos de Cacilhas!

Banco de Londres

Informações recebidas directamente de Londres
dão-nos conhecimento de que n'este importante
banco se acha depositada a fabulosa somma de
900:000\$000 de réis á ordem do sr. Marianno de
Carvalho.

E aqui tem o povo o producto das infames ne-
gociatas, syndicatices e malandricas que o sr. mi-
nistro da fazenda tem feito em prejuizo de Portu-
gal.

Companhia de Jesus

CAPITULO XVI

Da maneira de fazer profissão
em desprezar as riquezas

2. Deve-se recusar sepultura em nossas igrejas
ás pessoas obscuras, posto que tenham sido muito
afeiçãoadas á companhia, temendo não só pareça
que procuramos as riquezas pela multidão de mor-
tos, e se não apercebiam da vantagem que com isto
adquirimos.

3. Será necessario portarem-se mui resoluta-
mente a respeito das viúvas e das outras pessoas
que tiverem dado seus bens á companhia, e cada
vez com mais vigor, sendo em tudo igual com os
outros, temendo que pareça nós favorecemos uns
mais do que outros, em consideração dos bens
temporaes. Deve-se tambem observar a mesma
formalidade a respeito d'aquelles que residem na
companhia, depois que lhe tenham doado e entrego-
do seus bens; e se for preciso serem despedidos
da companhia, se pratique porém isto, com toda a
especie de descripção, a fim de que elles cedam ao
menos uma parte á companhia, do que lhe haviam
dado, ou a deixem como legado no testamento
quando fallecerem.

CAPITULO XVII

Dos meios a empregar para adiantar
a companhia

1. Em primeiro logar que todos procurem, ain-
da em cousas de pouca consequencia, mostrar que
são da mesma opinião ou ao menos que o digam
externamente, porque d'este modo qualquer desor-
dem que possa haver nos negocios do mundo, a
companhia necessariamente ha de augmentar e
consolidar-se.

2. Esforcem-se todos em resplandecer pelo seu
saber e por seu bom exemplo, afim de que exce-
dam todos os outros religiosos e particularmente os
parochos, etc.; e finalmente deseje o vulgo que os
nossos tudo executem. Que até em publico se diga,
não se precisar que os parochos sejam instruidos,
comtanto que cumpram com suas obrigações, por-
que elles podem aconselhar-se com a companhia,
a qual, por este motivo, muito se lhe recommenda
applicar-se aos estudos.

3. Deve-se provar bem aos reis e aos principes
esta doutrina, de que a fé catholica não pode sub-
sistir no estado presente sem politica; porém n'isto
é preciso empregar muita descripção. Por este modo
os nossos serão agradaveis aos grandes e os admit-
tirão nos conselhos os mais intimos.

(Continua).